



GT 035. Etnografia em novos contextos de produção de coletivos indígenas e quilombolas

Levi Marques Pereira (Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD) - Coordenador/a,
 Sandro José da Silva (UFES) - Coordenador/a,
 Sonia Regina Lourenço (Universidade Federal de Mato Grosso) - Debatedor/a, Leif Ericksson Nunes Grunewald (UFGD) - Debatedor/a

O GT pretende reunir trabalhos de pesquisadores sobre os contextos de produção de coletivos indígenas e quilombolas que contribuam para a discussão de temas como as práticas sociais e os modos de existir a? instituídos, as conexões com o movimento indígena, indigenista e quilombola, bem como as negociações com o Estado dentre outras instituições. Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE ? 2010) mais de um terço da população indígena vive em espaços urbanos, em espaços conhecidos como aldeias urbanas ou como simples moradores da cidade. Outra parte dos indígenas vive em áreas rurais não regularizadas pelo Estado como Terras Indígenas, em acampamentos em margem de rodovias, ou mesmo em áreas tituladas por particulares. Tem-se assim, uma gama variada de contextos e situações nas quais realizam suas formas de existir e que recusam critérios exteriores a estes coletivos, como o ?marco temporal?. O fenômeno das ?retomadas? indígenas e quilombolas, em suas múltiplas implicações e significações, aponta para a movimentação política de recuperação de terras expropriadas, mas também expressa mudanças de postura frente ao Estado e a sociedade nacional, envolvendo processos intrinsecamente conectados com o reposicionamento do próprio coletivo em relação às suas formas de expressão e práticas culturais. O GT pretende reunir pesquisadores do campo da etnologia indígena e/ou comunidades quilombolas que tragam contribuições para esse debate.

O sonho da terra: crônicas na territorialidade Avá e Guarani nas linhas do habitar

Autoria: Renan Pinna Nascimento

O debate da territorialidade guarani no Oeste do Paraná passa por um embate identitário produto de marcos identitários e territoriais engendrados pela Itaipu Binacional e pelo Estado. De um lado estão os "índios de Guaíra" que nos últimos dez anos retomaram mais de 10 territórios tradicionais na região. De outro lado estão os "índios de Itaipu" que são os Avá-Guarani que fazem parte do processo de "compensação" de terras que a Itaipu reconheceu danos a partir do alagamento da antiga aldeia de Jacutinga. Esses marcos identitários carregam em si diferentes atributos de presença tradicional no território guarani no Oeste do Paraná. Sendo que, os "índios de Guaíra" não são reconhecidos como índios Avá-Guarani e são tidos pela Itaipu Binacional como índios que vieram do Mato Grosso do Sul e do Paraguai, e que nunca habitaram a região. Portanto, não foram se quer afetados pela construção da hidrelétrica de Itaipu, interpretação que passa ainda pela afirmação que a cidade de Guaíra não foi atingida pelo alagamento. Por outro lado, os "índios de Itaipu" são aqueles que fazem parte do Programa Água Boa, e que foram compensados pela compra de três áreas de terras reservadas ao uso exclusivo dos indígenas, conhecidas como "reservas de Itaipu". Com isso, o processo histórico de recuperação de terras tradicionais no Oeste do Paraná, na maioria das vezes, desde os anos 80, passou pela ocupação de áreas que eram reservadas a Itaipu como área de proteção ambiental. Com as retomadas no extremo oeste do estado do Paraná, se consolidou dois tipos de táticas guarani, que estão posicionados frente a reivindicação de terras perante instituições distintas. Os Avá-Guarani do rio acima, na região de Guaíra, buscam pela retomada de terras um processo de reivindicação de demarcação de terras frente ao Estado, e de outro lado, estão os que buscam pela ocupação de terras



reservadas as áreas de proteção permanente da Itaipu, o modo de reivindicação de terras frente a Itaipu e ao Governo do Estado, como modo de compensação às áreas indígenas afogadas pelo alagamento do lago de Itaipu com a construção da hidrelétrica nos anos 80. Nesse sentido, o habitar e as relações entre os Avá e Guarani do rio acima e do rio abaixo, revelam distintas estratégias de reivindicação do território, e com isso uma conexão entre os que estão rio acima e rio abaixo que sempre existiu, ainda que isso seja negado por fontes institucionais. Nesse work, pretendo abordar essas questões, de como as retomadas e as ocupações se configuram ambas, como formas sociais de habitar o mundo segundo entendimentos complementares, e como essas reivindicações não são somente uma forma de garantir um documento frente a Itaipu Binacional ou ao Estado nacional, mas para além disso, como modo de "territorializar" a vida.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

